

“A MARÉ TAÍ!”: O CAMINHO DA VIDA DAS MARISQUEIRAS DE SALINAS DA MARGARIDA: 1960-2000

Rosana Costa Gomes¹

Resumo: *Esta pesquisa se refere ao cotidiano das marisqueiras de Salinas da Margarida, município localizado no Recôncavo Sul da Bahia, situado na Bacia Hidrográfica do Rio Paraguaçu, na Baía de Todos os Santos. A mariscagem feita por estas mulheres é uma prática que consiste no processo de catar pequenas conchas nas areias das praias, das quais são retirados os mariscos, conhecidos no local como chumbinho ou sarnabitinga. Esta atividade envolve relações de trabalho em grupo, que perpetua uma tradição marcada por aspectos próprios, referenciando a luta pela sobrevivência das marisqueiras e suas famílias. A exploração de fontes orais foi um importante suporte na pesquisa, pois permitiu a compreensão do viver das marisqueiras, dos seus costumes, os mecanismos de socialização, como a prática da mariscagem é passada de geração para geração, as formas utilizadas na superação das dificuldades, seus sonhos, desilusões e as mudanças sócio-geográficas ocorridas na cidade que interferiram na mariscagem. As marisqueiras inseridas na abordagem da história regional, com suas histórias de vida que retratam o concreto do cotidiano e a especificidade da singularidade de suas práticas de vida, contribuem para a totalidade da história local. O mar, como patrimônio comum, é palco da permanência dessas famílias que vivem dos mariscos. É no espaço das areias das praias embebidas pelas lamas dos manguezais, que elas se lançam vivificando uma tradição que lhes foi passada por gerações de outrora. Mesmo com o avanço tecnológico no campo da ciência moderna, e diante da evolução urbana pela qual Salinas da Margarida tem atingido no contexto da globalização, a arte de mariscar não perdeu importância na vida dessas mulheres, que se engajam com vigor na sedenta peleja em prol da sustentação de suas vidas. Não obstante os avanços contemporâneos, o mar ainda é a referência central da sobrevivência de muitas famílias salinenses. As marisqueiras marcam a sua existência ao atuar com destreza para conciliar o seu trabalho a outras ocupações associadas ao seu cotidiano, criam mecanismos para se harmonizarem num relacionamento equilibrado com a sociedade que as cercam e a natureza das marés que demarca o seu tempo de trabalho, sem negligenciarem com outras referências de tempo que confrontam com os cultivados por elas nas marés. Pesquisar o trabalho e as vivências destas mulheres foi antes de tudo uma tentativa de proporcionar uma maior conscientização da importância deste trabalho no âmbito da comunidade, e congratulá-las quanto à força e o vigor da dignidade de viverem em função de um trabalho honesto e enriquecedor da cultura local.*

Palavras-chave: Mulher; Trabalho; Ambiente.

A marcação cronológica do briquitar da vida das mulheres marisqueiras é regida pelo vai-e-vem das marés: “[...] a padronização do tempo social no porto marítimo observa os ritmos do mar; e isso parece natural e compreensível para os pescadores ou navegantes: a compulsão é própria da natureza”. (THOMPSON, 1998, p.271). Essa noção de tempo é vivenciada pelas marisqueiras em Salinas da Margarida, pois quando as águas apresentam um menor volume nas areias das praias e nas áreas dos manguezais é que elas se dirigem para os locais que podem ser considerados a sua oficina de trabalho. Lá, elas permanecem por horas a fio independente de chuva ou sol, extraindo das areias pequenas conchas onde estão os moluscos, denominados no

¹ Graduada em História, Especialista em História Regional, Mestranda em História Regional e Local pelo CAMPUS V da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, em Santo Antonio de Jesus-Bahia; Professora da Rede Pública Estadual da Bahia.

local de chumbinhos, os quais representam o ganha-pão para muitas famílias em Salinas da Margarida, município localizado no Recôncavo Sul da Bahia, na Bacia Hidrográfica do Rio Paraguaçu, na Baía de Todos os Santos, a 280 Km da capital Salvador via BA-001 BR-324 (CEI, 1994, p. 523,535).

O nome, Salinas da Margarida, ocorreu devido à exploração do sal desenvolvida em grande escala neste local. A implantação do empreendimento industrial para a exploração salinera por evaporação foi concedida em 02 de junho de 1877 pelo então presidente da província da Bahia, Senhor Henrique Pereira de Lucena ao Senhor Comendador Manoel de Souza Campos e ao Senhor Horácio Urpia Júnior. Assim, em 20 de março de 1891, foi fundada a Companhia Salinas da Margarida, data em que foram aprovados os seus estatutos (OLIVEIRA, 2002, p.79).

No período que sucedeu os anos de 1953, ocorreu o fim da exploração do sal e muitos pais de famílias ficaram desempregados. Sem empregos e conscientes da falta de opção em Salinas, muitos dos ex-funcionários foram embora com suas famílias em busca de êxito profissional em outras localidades. Outros que estavam com idade de se aposentar conseguiram o benefício da aposentadoria. Aos demais que permaneceram em Salinas, só restava, como única forma de sobrevivência, as águas salinenses de onde tirariam o seu pão de cada dia. Foi nesta “fábrica” onde eles se lançaram para garantir o seu “ganha-pão”, através da pesca e da coleta de frutos do mar, atividades tradicionais nas praias da Baía de Todos os Santos.

Assim, a responsabilidade pelo sustento familiar não sobrecaía apenas para os homens, cabia também para muitas mulheres essa tarefa, mesmo durante a existência da companhia que explorava o sal. Com o fechamento da empresa, e conseqüente aumento do número de maridos desempregados, crescia a dificuldade em conseguir o sustento familiar, então mais mulheres se lançaram na coleta dos frutos do mar.

As marisqueiras desempenham um papel importante para o desenvolvimento histórico-cultural local. Esta atividade envolve relações de trabalho em grupo e perpetua uma tradição vivida por várias gerações e que é marcada por aspectos próprios, referenciando a luta pela sobrevivência dessas mulheres e de seus familiares.

O crescimento da conscientização do seu valor e a necessidade do trabalho impulsionaram as mulheres a irem à luta por sua sobrevivência, em muitos momentos, isso também significava a sobrevivência do seu lar. “Mulheres pobres, sós, chefes de família, viviam precariamente de trabalho temporário, antes como autônomas do que como assalariadas” (DIAS, 1995, p.15). Esta reflexão que Maria Odila aborda da sociedade paulista no século XIX, mostra como marginalizada no processo produtivo brasileiro, a mulher sofreu por um longo período a ausência de condições favoráveis ao seu desempenho em atividades que lhes rendessem um salário digno, de reconhecimento social e igualdade no mercado de trabalho. Assim, “multiplicavam-se mulheres pobres que o sistema social era incapaz de absorver e que apenas tangencialmente se inseriam na sociedade escravista”(DIAS, 1995, p.111). No decorrer dos séculos, a participação da mulher no processo produtivo é cada vez mais marcante. São elas que respondem sozinhas em muitas localidades pelos sustentos de seus lares.

Na conjuntura social brasileira em que cresce largamente a participação feminina no mercado de trabalho, as marisqueiras de Salinas da Margarida são também retratos desta realidade, apesar de que essa atividade vem de tempos longínquos, bem como a participação de muitas marisqueiras de Salinas na contribuição do sustento do lar. São mulheres envolvidas em um cotidiano de trabalho regido pelo movimento das águas do mar. É no vai-e-vem das marés, quando as águas apresentam um menor volume nas areias das praias, que as marisqueiras se dirigem para a sua oficina de trabalho e ali permanecem por horas a fio, independente de chuva

ou sol, todos os dias, cavando e catando as pequenas conchas onde estão guardados os chumbinhos, pequenos moluscos que representam para muitos o ganha-pão familiar.

O JEITO DE VIVER... VIVER DE CHUMBINHO

Para melhor conhecer as marisqueiras é preciso adentrar no seu mundo, perscrutar suas memórias, escutar e registrar os seus depoimentos. Assim, é possível compreender o trabalho desenvolvido pelas marisqueiras, as relações familiares, as formas de socialização desenvolvidas por elas, a maneira como a prática da mariscagem é passada de geração para geração, os meios viabilizados na superação das dificuldades, seus sonhos e desilusões e as mudanças sócio-geográficas ocorridas na cidade que interferiram na mariscagem.

A mariscagem se apresenta como uma cultura que é fruto do desafio e peleja de um segmento popular que tem ficado à margem de outras atividades em Salinas da Margarida. É estimulante buscar compreender as reinvenções articuladas por estas mulheres, em sua grande maioria negras, que se encontram agrupadas nessa tradição: de buscar nas margens de Salinas da Margarida a sobrevivência. A mariscagem é marcada por aspectos próprios e uma de suas características é ser desenvolvida de maneira difícil e estafante.

É cansativo, é difícil pra caramba! Cavar de um em um ali no sol quente, pegar o peso. Pra você pegar um quilo de marisco, você passa horas ali mariscando, raspando aquela areia todinha. Lava o marisco, coloca na vasilha e leva na cabeça o peso. À distância de casa é sempre muito, muito quilômetro, muito mesmo. E você vai lá no sol, na areia quente [...] No inverno não se fala... A chuva é chuva demais aqui chove demais. Aí, tem que ir para a maré debaixo de chuva, trovoadas (SILVA, 2002).

Cleide tinha 22 anos de idade quando foi entrevistada. Ela é filha e neta de marisqueiras. Começou a mariscar com a idade de 12 anos. Tem duas filhas e não mora com nenhum dos pais das crianças. Quando começou a mariscar era apenas para ajudar na renda familiar. Hoje, por não receber nenhuma ajuda dos pais das filhas, responde sozinha pelo sustento familiar. Trabalha temporariamente em uma das pousadas de Salinas. Segundo ela, esse trabalho não lhe oferece nenhum vínculo empregatício e o salário que recebe é pouco. Assim, continua mariscando para ajudar no orçamento familiar.

Pode-se notar no depoimento a dificuldade em desenvolver este trabalho. A quantidade sempre depende do peso que se agüenta transportar. A denominação que é dada ao marisco chumbinho, parece fazer sentido, pois eles são pequenos, não tão pequenos quanto a esfera do chumbo industrializado para arma de fogo, mas mesmo assim pequenos e pesados, e quando fervidos pela segunda vez - a primeira vez é para poder tirá-los das conchas - sai um caldo da cor de chumbo. A necessidade de fervê-los pela segunda vez é para que seja tirada uma substância que às vezes provoca mal-estar nas pessoas.

Porém, toda a dificuldade é relativamente deixada de lado quando, possivelmente por conformidade pelo fato de não possuírem outra forma de sobrevivência, agradecem a Deus por dar-lhes a maré e terem através dela o sustento. É o que Cleide expõe:

É muito difícil mesmo, é péssimo mariscar. Mas... É bom! Eu agradeço muito a Deus de ter a maré, como muitas pessoas, porque é um meio de sustento.

Porque se não tivesse a maré... Eu já chorei várias vezes porque não tinha o que dar às minhas filhas, e naquele dia eu amanhecia aí, ia mariscar. Voltava, e de noite já tinha o leite, a farinha de mingau, coisas que se fosse em Salvador, ou em outro lugar não tinha, né? Porque aqui, apesar de ser pequena, pouco conhecida, tem o recurso que é a maré (SILVA, 2002).

O depoimento de Cleide é caracterizado por sentimentos ambíguos, que marcam a sua relação com o trabalho da mariscagem. O difícil, o péssimo e o bom se mesclam durante todo o período em que ela se refere ao seu trabalho. Ela aponta Salinas como uma cidade pequena que apesar de não oferecer muitas outras possibilidades de trabalho, tem a maré que permite a conquista do pão diário. Cita a capital Salvador que, apesar de possuir muitas outras possibilidades de trabalhos, ela acredita que se morasse lá passaria dificuldades ainda maiores do que aquelas que passa em Salinas. Faz questão de ressaltar que gosta de mariscar, apenas não gostaria que fosse esse o único meio de sustento, pois sem essa preocupação, a maré se tornaria um lugar de lazer, onde é possível brincar, tomar banho, e não apenas pegar frutos do mar.

Uma das características desta pesca artesanal é ser desenvolvida com a participação de membros familiares em que o material pescado é consumido e vendido pela própria família, para através desse dinheiro obter outros bens necessários à manutenção diária de suas vidas. Na coleta do chumbinho é necessário o uso de qualquer instrumento que sirva para cavar as areias da praia em uma rasa profundidade. Como é possível notar na imagem a seguir;



FIGURA 01: Mulheres e crianças mariscando (Fotografia de pesquisa, 2003)

O contato com essas imagens fotográficas ajudou no entendimento do viver mariscando das mulheres de Salinas da Margarida, enriquecendo o conhecimento acerca do mundo que as circundam. Elas o fazem de cócoras ou debruçadas sobre as areias, cavam e catam as pequenas conchas com grande maestria. O lazer e o trabalho infantil estão imbricados no mesmo espaço. As crianças são educadas durante o convívio com suas mães e com as colegas de suas mães, o tempo da convivência se repete todos os dias por longas horas, elas presenciam as conversas dos adultos enquanto trabalham e brincam. A contribuição infantil no trabalho representa uma quantidade maior de mariscos catados e, também, ajuda no transporte. Dessa forma, também é assegurada a transmissão da tradição. Esses adultos que faziam este trabalho quando crianças, dizem hoje que não o faziam obrigadas, colocavam-se a disposição para ajudar e lançavam-se em direção da maré com risos e brincadeiras. Lá, ao contrário dos adultos, não sentiam tanto o peso da responsabilidade de mariscar e acabavam se divertindo com a criatividade própria da infância.

Ao serem analisadas dentro do contexto que estão inseridas, as fotografias contribuem com sua riqueza de informações, que vão além de simples imagens estáticas, elas apresentam momentos singulares de interação homem e natureza, homem e homem, homem e urbanização, enfim, tudo que compõe o visível. Por outro lado, é uma pausa no constante transcorrer do tempo, pois a fotografia sustenta vivificando a memória das presentes e futuras gerações. Inseridas dentro dessas variadas formas de busca do conhecimento, as imagens ganham espaço, propiciando ao homem maior riqueza de informações sobre o mundo que o cerca. “As imagens que o homem elaborou através dos tempos estão carregadas de propostas, questionamentos, tensões, acomodações, desejos, enfim expressões presentes nas relações sociais que modelam e ao mesmo tempo são modeladas pelas formas de pensar e agir.”(MEIRELLES, 1995, p.95).

São variadas as formas que os homens têm de compreenderem as imagens produzidas pelo próprio homem ao longo do tempo, no processo de interpretação dessas fontes, eles são embalados por valores, experiências, idéias, saberes de uma sociedade a qual fazem parte e se transportam com sensibilidade para períodos passados distantes dos vivenciados por sua geração, na busca incessante da compreensão daquela sociedade que as imagens representam.

DE VOLTA PARA CASA

No momento em que se eleva o nível da maré, as marisqueiras se dirigem para suas casas onde outra etapa do seu trabalho é desenvolvida. Dando continuidade, elas percorrem as matas em busca de madeira seca para fazer o fogo e esquentarem o chumbinho, para assim poderem tirá-los das conchas, se alimentarem ou empacotá-los e vendê-los.

Junto com a função da coleta dos mariscos nas marés, estas mulheres se desdobram em desenvolver outras tarefas: São mães, estudantes, namoradas, esposas, ganhadeiras, entre outras atividades. Com tais funções, há a necessidade de se pluralizarem para darem continuidade e conta de sua lida diária: “As relações sociais e o trabalho são misturados – o dia de trabalho se prolonga ou se contrai segundo a tarefa – e não há grande senso de conflito entre o trabalho e “passar do dia”.” (THOMPSON, 1998, p. 271,272). E assim, as marisqueiras marcam a sua existência ao atuar com destreza para conciliar o seu trabalho a outras ocupações associadas ao seu dia-a-dia, criam mecanismos para se harmonizarem num relacionamento equilibrado com a sociedade que a cerca e a natureza das marés que demarca o seu tempo de trabalho, sem negligenciar com outras referências de tempo que confrontam com os cultivados por elas nas marés.

Outra preocupação demonstrada pelas marisqueiras se refere ao trato de seus corpos, pois apesar de todo o trabalho, algumas marisqueiras deixaram claro a preocupação do cuidado com a sua aparência física. A esse respeito nos conta Cleide:

Pode a gente passar o dia todo mariscando, mas quando a gente chega, todo mundo toma banho, aí almoça, ou toma café, dependendo do horário, e depois é que a gente vai continuar o processo. Vai esquentar, catar, embalar pra vender. Mas tem gente que não, que anda todo sujo pelo meio da rua [...] você tem que se conscientizar que você também é gente. Você tem que andar limpinho, calçadinho, as unhas cortadas, cabelo penteado. Mesmo que você não tenha um tempinho, mas você uma hora vai ter que parar, se cuidar também (2002).

Neste relato apreende-se o cuidado com a aparência física, bem como o respeito ao seu valor humano. Cleide faz questão de ressaltar durante a entrevista, com consciência do valor próprio, que não é pelo fato delas, as marisqueiras, fazerem um trabalho tão “desvalorizado” diante da sociedade capitalista, que elas deverão se descuidar da sua condição feminina. Portanto não falta o batom adornando o sorriso, unhas pintadas, cabelos frisados, roupas limpas para levantar a auto-estima do que de fato são: pessoas, mulheres.

No que diz respeito aos sonhos cultivados, Dona Dilza, com emoção fala lembrando logo dos filhos que concluíram o ensino médio, porém continuam suas atividades na maré. Com tristeza e lágrimas ela descreve essa realidade nos seus anseios e frustrações, assim como de outras marisqueiras:

Ah! É um orgulho muito grande, é muito bom, a pessoa saber que lutou pá ver aquele filho, né? Conseguir aquilo que a gente não conseguiu... [Ela interrompe o relato com choro] É o meu sonho é como eu já disse, é ver eles independentes trabalhano, ter um meio de vida melhor do que a gente teve. Um trabalho pra viver, pra se sobreviver e não viver também assim só na maré, nessa vida que a gente já viveu sempre tudo. É isso! (SOUZA, 2002).

Dona Dilza tinha na data da entrevista 44 anos de idade, começou a mariscar quando ainda era criança, junto com sua mãe e irmãs. O motivo dela ter trabalhado quando criança, se mistura com as histórias de outras, pois advém da necessidade de ajudar os pais na manutenção diária de suas vidas.

Os sonhos são parte daquilo que profundamente somos, sublimam as vidas humanas de estados em que se encontram em desânimo, em descrença e fadiga de frustrações. Mas quando esses sonhos não se realizam, as vidas das pessoas são marcadas por tristezas e desilusões. Dona Dilza, apesar de se sentir feliz pelo sucesso da filha em ter conseguido concluir o ensino médio, esta felicidade, porém é incompleta, pois a totalidade dos seus sonhos em relação a sua filha não foi concretizada. Suas lágrimas manifestam o sentimento de uma marisqueira que, mesmo agradecendo a Deus pelo presente dos recursos da natureza que o mar lhe oferece, os seus sonhos – para os filhos – são realizações em outro campo de trabalho que vão além do que a maré lhes proporciona.

MARISCAGEM E PATRIMÔNIO AMBIENTAL

Áreas que antes eram usadas como espaços para a mariscagem foram gradativamente tomadas por construções, desde a época da Companhia Salinas da Margarida. Residências, bares, restaurantes e hotéis instalaram-se em Salinas, muitos ocupando esses espaços, que também ficavam próximos das residências das marisqueiras, isto facilitava a locomoção, o que tornava possível realizar várias viagens de ida e vinda da maré até a casa para catar uma maior quantidade de mariscos, já que a distância que se percorria levando o marisco era menor. Hoje, as áreas para mariscar são mais distantes, alguns estreitos caminhos servem de passagens para as pessoas até esses locais. Além desses caminhos, é possível também o acesso usando canoas, para aqueles que dispõem desse meio de transporte.

As empresas que foram se instalando em Salinas utilizaram espaços da marinha, e a apropriação desses espaços continua ainda hoje, com interesses comerciais voltados para a criação do camarão, empreendimentos para o turismo e veranistas, comércio de produtos para

pesca e outros. Esses investimentos geram lucros para essas empresas e empregos para uma pequena parte da população. Paralelo à existências dessas construções houve em Salinas da Margarida uma profunda transformação do meio ambiente.

A presença dos manguezais é de grande relevância para as marisqueiras que tiram desses espaços o necessário para a sua alimentação e a comercialização dos mariscos. A falta dos manguezais para o homem que vive do pescado significa desventuras em suas vidas, e para o ambiente, perdas irreversíveis como argumenta Branco (1987, p.142,143)

Alterar a paisagem típica de nossas regiões costeiras; por eliminar grandes reservatórios de águas de enchentes e grandes marés que, de outra forma, poderiam causar inundações; por acelerar o assoreamento dos portos e regiões costeiras e, finalmente, por eliminar uma das maiores fontes de alimento de que dispõe o homem, com uma produção vegetal quase duas vezes superior à da agricultura mecanizada e que é responsável pela riqueza em pescados que caracteriza as regiões costeiras bem como pela produção de alguns alimentos típicos, como o caranguejo.

A sobrevivência humana está intimamente ligada a outros ciclos de vida. Os manguezais representam uma fonte rica na cadeia alimentar de imensa fauna, e que tem sua vida constantemente alimentada através da manutenção de nutrientes que normalmente são trazidos pelos rios, pois têm em suas águas substâncias essenciais para a vida dos manguezais. Quando há quebra em algum desses ciclos ocorre uma desestrutura nos ecossistemas, o que provoca uma desarmonia para o processo vital dos seres que dependem dos manguezais. Nos aterros desses espaços são construídos pontes, portos, praças, enfim, é investido um grande capital para dar lugar a áreas urbanizadas, e assim atender aos princípios civilizatórios. No entanto, é interessante ressaltar como o patrimônio cultural e natural tem ganhado reconhecimento como instrumento que ajuda a sustentar e fundamentar a personalidade do homem quanto ser social. “A atitude de proteger o patrimônio local tem sido incentivada, de modo a conservar as raízes plurais dos povos e suas tradições culturais, uma vez que estas expressam as origens étnicas e implicam a manutenção de suas identidades.” (PELEGRINI, 2006, p. 122,125).

Segundo Pelegrini, desde a década de 1990, existe essa preocupação com os povos latino-americanos. Nesse sentido, pode-se notar que em Salinas da Margarida a utilização dos recursos naturais por essa população consiste em preservar o mar como patrimônio natural, uma vez que esse é campo de manutenção dessas famílias que vivem dos mariscos. É no espaço das areias das praias embebidas pelas lamas dos manguezais, que elas se lançam vivificando uma tradição que lhes foi passada por gerações de outrora. Mesmo com o avanço tecnológico no campo da ciência moderna e diante da evolução urbana que têm atingido Salinas da Margarida, inserindo-a no contexto da globalização, a arte de mariscar não perdeu importância na vida dessas mulheres que se engajam com vigor na exigente peleja em prol da sustentação de suas vidas. Não obstante os avanços contemporâneos, o mar ainda é a referência central da sobrevivência de muitas famílias salinenses.

Um dos exemplos da utilização extensiva das áreas da marinha é a Maricultura da Bahia S. A., que se instalou em Salinas da Margarida na década de 1990 e que tem como fins o cultivo do camarão em cativeiro, faz regularmente nos viveiros fertilizações, e nos períodos da retirada dos camarões uma grande quantidade de água é liberada dos viveiros e lançada na maré. Estes viveiros estão localizados na marinha de Salinas. A água que sai dos viveiros, conseqüentemente, possui uma determinada quantidade de adubo que se instalam nos

manguezais e na vida marinha ali presente (WILLIAMS, 1990, p. 392). Esta pode ser uma das explicações para justificar a riqueza de nutrientes nos manguezais e o que foi apontado por Rose, a abundância de alguns dos frutos do mar que existem em Salinas, em contraposição com as demais localidades tão próximas. No entanto, apesar de toda esta riqueza, já houve em Salinas um período em que a população que vive da maré “amargou”.

Quando a Maricultura chegou... Era a CQR, passou a PESCON, de PESCON passou a Maricultura, e eu lembro que o marisco amargou, a região toda aqui. E nós amargamos juntos. Porque nós íamos pra maré todos os dias. Catava o marisco não tinha condição de vender, pra ganhar dinheiro e não tinha condição de comer pra se sustentar (Áurea, 2003).

Rose tinha 34 anos de idade quando foi entrevistada. Formou-se em magistério, mas não exerce a profissão. Tem um bar na orla marítima de Salinas da Margarida onde vende, entre outras coisas, frutos do mar. Também tem um outro bar em Salvador. Vive desenvolvendo mecanismos para desdobrar-se entre Salvador e Salinas da Margarida. Este viver na atualidade é mais uma forma de luta pela manutenção de sua vida e de sua família. Com o tempo, buscou outras formas de trabalho e, hoje, desenvolve funções fora da maré. Rose foi uma de minhas alunas durante o tempo em que lecionei em Salinas.

Segundo Rose, este acontecimento provocou uma calamidade na cidade. Pescadores, marisqueiras, donos de bares e restaurantes e demais pessoas, que de maneira direta ou indireta precisavam dos produtos que vinham do mar, passaram dificuldades, foram afetados peixes, caranguejos, siris e tantos outros mariscos. Segundo as lembranças de Rose, o problema permaneceu durante dois a três meses. Rose lembra que isto ocorreu em um período da Semana Santa, tempo da quaresma em que alguns cristãos tiram a carne vermelha e o frango de suas refeições diárias, e fazem mais uso de peixes e de outros frutos do mar. Também tiveram muitos prejuízos as ganhadeiras e demais atravessadores, pessoas que compravam esses produtos em Salinas e em outras localidades vizinhas para venderem em Salvador ou em outras cidades. Não foi possível também vender aos turistas que chegavam na cidade por conta do feriado da Semana Santa, apesar de que, Rose lembra, na luta pela sobrevivência alguns tentaram vender esses alimentos para pessoas que desconheciam o problema. Alguns atribuem o motivo desse desequilíbrio ecológico a substâncias nocivas que foram lançadas irresponsavelmente nas águas da maré. De toda sorte, as lembranças de Rose dizem da extrema importância da mariscagem na vida da população. A sua escassez é traduzida na oralidade como algo amargo tanto para os frutos do mar como para as pessoas.

São recordações que revelam o quanto é importante a intensidade dessa prática secular em Salinas, constitui uma dimensão fundamental do cotidiano do lugar. A sua interrupção, mesmo que de curto prazo, provoca depoimentos que tratam de desventuras e infortúnios em suas vidas, enfim, atos irresponsáveis e inconseqüentes gerados pela ação do homem na natureza com a finalidade apenas de beneficiar um pequeno grupo. Tais atitudes demonstram falta de preocupação com a totalidade das famílias que vivem com os frutos do mar. “No decorrer do século XX, a noção de patrimônio ambiental urbano amplia-se e também passa a ser considerada fator de reconhecimento dos núcleos históricos”(PELEGRINI, 2006, p. 119). Ganham importância os manifestos sociais que lutam pelo equilíbrio entre o homem e o meio ambiente. Nesse contexto, as chamadas populações tradicionais surgem como possibilidades de manutenção e conservação do meio ambiente, cuja preservação da cultura, valores e tradições estão intrinsecamente ligados ao meio natural.

Um outro exemplo de transformação ambiental em Salinas é trazido através das lembranças de Dona Sofia, em que ela aponta uma profunda transformação da flora:

O Araça! Quem era o Araçá? O Araçá era mato puro. Hoje em dia eu passei ali na caminhada... cada casa linda! [risos] O Araçá era mato, só tinha mato. Já botaram o nome Araçá porque só tinha araçá, araçazinho, cajueiro, essas coisas... Agora cada casa bonita mesmo, passei lá no dia da caminhada e vi o Araçá. Quem era o Araçá?! (Pinheiro, 2003).

Dona Sofia tinha 82 anos de idade no período em que foi entrevistada, é viúva, teve 10 filhos e com risos no momento da entrevista, disse não saber quantos netos e bisnetos tem. Com alegria diz que aguarda os tataranetos. Gostava muito de estudar, estudou a primeira, segunda, terceira e a quarta série do curso primário; seu grande sonho era se tornar professora, sonho que ela não conseguiu realizar pelo motivo de seu pai não ter tido condições de patrocinar os seus estudos e também por ter tido sérios problemas de saúde. Este lugar que Dona Sofia traz em suas lembranças está localizado nos arredores próximos do centro de Salinas. Como ela observa, lá existia uma vasta flora com a presença de variadas espécies de árvores frutíferas, que com o tempo desapareceram para dar lugar a muitas casas. "... Os valores, tanto quanto as necessidades materiais, serão sempre um terreno de contradição, de luta entre valores e visões-de-vida alternativos" (THOMPSON, 1981, p. 194). A interação do homem na natureza provoca uma constante mutação de conceitos em conflitos, entre o que é fundamental para o nosso bem-estar pessoal e social como sendo o homem parte singular de um todo, e o que é movido baseado apenas no interesse do crescimento urbano capitalista.

Na incessante busca pelo lucro capitalista, o valor concreto durável dos espaços naturais é sucumbido e suplantado pela ganância que não tem em si a visão prudente e dual de um benefício humano que respeite também o ciclo natural da vida. A grande maioria da população fica à mercê dos interesses do pequeno grupo que monopoliza para si a gratuidade da natureza. O lucro parece ser o motivo das ações que, ao mesmo tempo, levam à apropriação de bens que não lhes pertencem e são nocivos ao meio ambiente.

Em Salinas, tudo indica que as mudanças ocorridas no meio ambiente sintonizam-se com as reflexões de Williams. As áreas que foram desmatadas correspondiam a espaços necessários à implantação de empresas. A cidade obteve ascensão econômica no âmbito estadual, já que contribuiu economicamente com impostos, sem esquecer que "o modo de produção capitalista continua a ser, em termos de história do mundo, o agente mais eficiente e poderoso de todos estes tipos de transformação física e social." (WILLIAMS, p. 393). Esses empreendimentos foram sinônimos de "progresso" e "desenvolvimento" e, para muitas famílias, empregos. Nesse contexto, serve como um alerta um dos princípios da corrente chamada de economia ecológica.

A existência de limites absolutos e o risco de perdas irreversíveis que podem ser catastróficas em um contexto de incertezas científicas irreduzíveis tornam absolutamente necessário que se defina coletivamente, e numa atitude de precaução, os limites (escala) para o consumo total de bens e serviços ambientais. (ROMEIRO, 2003, p. 25).

O emprego de atitudes coletivas poderá regular e direcionar a forma como os bens e serviços ambientais estão sendo explorados; no entanto, tais atitudes entram em oposição a uma realidade de uma sociedade que tem como característica marcante o consumo. A sustentabilidade

seria, para Romeiro, transformar a mentalidade do ter em uma mentalidade de ser, sem, no entanto, abrir mão da dinâmica científica e tecnológica que caracteriza o processo civilizatório. As restrições à acumulação de capital são para que se evitem perdas irreversíveis ambientais e sociais.

Esses princípios se associam com as medidas do processo de gestão ambiental: “o estabelecimento de políticas, planejamento, um plano de ação, alocação de recursos, determinação de responsabilidades, decisão, coordenação, controle.” (FERREIRA, 2003, p. 33). Essas são algumas das formas que visam fundamentalmente o desenvolvimento sustentável. Ferreira explica que a intensidade com que os empreendedores capitalistas vêm agindo no meio natural é uma demonstração de que pouco se está levando em conta a degradação do mesmo.

Nessa perspectiva, as universidades entram nos centros das discussões e surgem como possibilidades de criarem condições para resolverem ou amenizarem essas situações, contudo encontram-se em uma cruzilhada, pois são centros formadores de tecnologia, opiniões e concentram uma gama de valores humanistas ao mesmo tempo em que são representantes do Estado (MORAES, 1997. p. 60). Assim, como núcleo tecnológico que busca atender a um chamado cada vez mais exigente de um mercado consumidor, os profissionais que são formados por essas universidades, em muitos momentos devem ponderar as suas ações na possível utilização desenfreada dos recursos ambientais, pois elas podem gerar a ignorância do conhecimento, onde se sabe as conseqüências nocivas de suas ações e ainda assim, alguns as praticam na cegueira egoísta do capitalismo. Em contraposição à mentalidade desse uso descomedido, as universidades hospedam, desenvolvem e propagam idéias de conscientização, preservação e sustentabilidade. E como Moraes aponta, o desenvolvimento tecnológico representa de um lado a salvação e do outro o perigo para a humanidade. Ao que tudo indica, a questão ambiental é bem evidente, e deve ser bem cuidada.

Salinas da Margarida é abastecida de recursos naturais, os quais são em grande escala provenientes do mar, o que propicia há bastante tempo um meio estável de sobrevivência à população carente. Nesta localidade, muitas são as mulheres que assumem o papel de desempenharem com sucesso a liderança de um tipo de mariscagem que é catar uma espécie de molusco conhecido na região como chumbinho. Estas mulheres têm uma participação ativa e efetiva na renda familiar, provocando um maior envolvimento na comunidade no aspecto do desenvolvimento econômico, cultural e social.

Uma das características básicas da atividade pesqueira é a noção de não apropriação do mar, pois ele é concebido pelas pessoas que vivem usufruindo os seus frutos, como uma dádiva da natureza. “A condição de patrimônio comum do mar, implica a sua indivisibilidade sistemática e a ausência de apropriação formal e contínua do meio.” (MALDONADO, 2002, p. 60). Nesse contexto, a indivisibilidade dos espaços em que são realizadas as mariscagens, flui “naturalmente” na consciência coletiva das marisqueiras. É deste espaço que se favorecem, centenas delas se fazem presentes nas faixas litorâneas de Salinas há muito tempo, mas nenhuma delas se diz dona da maré. Lembrando o que Dona Francisca disse que o “costeiro está sempre cheio de chumbinho para quem precisa e não tem preguiça.” (SANTOS, 2002). “A maré taí!”. Estas expressões pintam o quadro do caminho da vida das marisqueiras de Salinas da Margarida, pois essa é a leitura que é feita do mar, tendo-o como bem comum e fonte de sustentação para aqueles que assim quiserem. Também o Senhor Raimundo Nonato Ferreira (2003) aponta as terras salinenses como espaços sagrados, como terras que foram pisadas por Deus, o qual cuidou de nunca deixar faltar o pão de cada dia para a população carente.

FONTES

Orais:

Cleide França Silva. 22 anos de idade, marisqueira, residente em Salinas da Margarida. Entrevista em 01 de maio de 2002.

Dilza Spínola de Souza. 46 anos de idade, marisqueira, residente no Porto da Telha. Salinas da Margarida. Entrevista em 31 de maio de 2002.

Francisca de Jesus Santos. (D.Elza), 58 anos de idade, ex-marisqueira, residente no Porto da Telha. Salinas da Margarida. Entrevista em 31 de maio de 2002.

Raimundo Nonato Ferreira. 84 anos de idade, ex-funcionário da Companhia Salinas da Margarida, residente em Salinas da Margarida. Entrevista em 07 de junho de 2003.

Rosângela Áurea Caetano. 34 anos de idade, ex-marisqueira, comerciante, residente em Salvador. Entrevista em 15 de fevereiro de 2003.

Sofia Lima Pinheiro. 82 anos de idade, ex-marisqueira, residente em Salinas da Margarida. Entrevista em 13 de fevereiro de 2003.

Escritas:

Centro de Estatísticas e Informações – CEI. Informações básicas dos municípios baianos: Recôncavo Sul. Salvador, 1994.

REFERÊNCIAS

BRANCO, Samuel Murgel. ROCHA, Aristides Almeida *Elementos de ciências do ambiente*. CETESB/ASCETESB. São Paulo. 1987.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

FERREIRA, Aracéli Cristina de Sousa. *Contabilidade Ambiental*. Uma informação para o desenvolvimento sustentável. São Paulo. Atlas, 2003.

MALDONADO, Simone C. A caminho das pedras: percepção e utilização do espaço na pesca simples. In: DÍEGUES, Antônio Carlos (Org.) *Imagem das águas*: São Paulo: Hucitec. 2000.

MEIRELLES, Willian Reis. História das imagens: uma abordagem, múltiplas facetas. *Unitermos: história e imagens; fotografia; cinema*, São Paulo, n. 3. 1995.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Meio Ambiente e ciências humanas*. São Paulo. Hucitec. 1997.

OLIVEIRA, Almir de. *Salinas da Margarida*; Notícias Históricas. Minas Gerais: Minas Editora, 2000.

PELEGRINI, Sandra. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. In: *Natureza e cultura*. Revista brasileira de história. Órgão ficial da Associação Nacional de História. São Paulo, ANPUH, vol.26, nº 51, jan.-jun., 2006.

ROMEIRO, Ademar Ribeiro. Economia ou economia política da sustentabilidade. In: MAY, Peter H. LUSTOSA, Maria Cecília. VINHA, Valéria da (Orgs) *Economia do Meio Ambiente*. Teoria e Prática. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

THOMPSON, E.P. *Costumes em Comum*; estudos sobre a cultura popular tradicional. Companhia das Letras. São Paulo. 1998.

_____. O Termo Ausente. In: *A Miséria da Teoria*; ou um planetário de erros, uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro, 1981. P.194.

WILLIAMS, Raymond. “Cidades e Campos”. In. *O Campo e a Cidade na História e na Literatura*